

## O NOVO ÓPIO PANORAMA

A vida é dura. As multidões, experimentadas por todas as vicissitudes, cansadas da luta contínua, diária, pela subsistência olham perplexas para o futuro. Que fazer?

Há dois caminhos. Há o sonho. Como é delicioso, apesar da aspereza e dos pontapés da realidade, gozar todas as alegrias negadas, viver no sonho!

A existência é áspera, o trabalho é esgotante e o esforço ingrato? Há a maravilhosa mentira de uma literatura branca e um cinema enganador.

Milhares de raparigas que falharam nos seus projectos e anseios amorosos têm em Charles Boyer, ou noutra qualquer actor olheirente, o seu ideal e a satisfação dos seus planos. Costureirinhas de tosse crónica, enganadas e desiludidas, sentem dilatar-se-lhes o peito de gozo quando o príncipe ou o filho único casa com a florista ou com a dactilógrafa de coração ardente e alma pura. Além disso, não vivem elas nesses ambientes de sonho, nos salões de Paris e nos cabarets de todos os Nova-York do mundo? Que seria delas, insignificantes criaturas da província, que seria das suas monótonas existências sem o cinema?

Também o empregado de escritório e o cauteleiro da esquina têm no cinema motivos de gozo e alegria.

Os êxitos de um jornalista vaga-

bundo e de um cantor guedelhudo e esfomeado vingam e pensam bem os seus fracassos.

A vida é dura.

Mas há esse maravilhoso cinema, enganador mas delicioso. Há a vida encantadora do sonho.

Os produtores não param. Eles conhecem bem o seu ofício, que consiste em fabricar sonho. Eles cumprem bem a sua missão: fabricam sonho e lindas histórias em série, sem conta e sem medida, infatigavelmente.

Os produtores não dormem, e eles sabem do seu ofício. Nada de realidades feias e complicadas. Sempre a historiazinha simples e comvente da criadinha que casa com o milionário ou a do vaqueiro que desposa a filha única. A multidão precisa de compensações.

As vezes aparecem alguns realizadores casmurros que teimam em seguir rumo diferente, querendo mostrar a vida e suas injustiças e problemas, discordando do padrão. Mas os produtores não se importam.

Eles dão liberdade absoluta aos seus empregados.

Mas a verdade é que os produtores não poderão arriscar o seu dinheiro em tolices. E esses realizadores compreendem depressa que terão de mudar de rumo. Só em casos de rara teimosia e estupidez são despedidos. A grande e honrosa obra de distrair os homens continua.

Mais sonho. Mais histórias de príncipes. As multidões continuarão a ver os grandiosos destinos dos heróis e heroínas do cinema e do sonho.

Também, por vezes, aparecem uns senhores mal intencionados a dizer que os produtores, verdadeiros reis do celuloide, querem continuar a manter as suas regalias e os seus lucros fabulosos enganando o público, enriquecendo à custa da sua ignorância, fugindo de mostrar-lhe a realidade.

Mas os produtores não se importam. Eles dão liberdade de crítica. Esses tresloucados mal-dizentes depressa se calarão. Os produtores bem sabem que esses pobres de espírito apenas querem dinheiro.

Cinema, arte do século vinte, sétima arte.

«O Tenente do Amor» e «Maria Antonieta», «Gunga Din» e «Amor de Príncipes». Cinema.

A vida, feia e dura, continua. As multidões, angustiadas, olham perplexas para o futuro. Os homens desejam que o que é bom não seja apenas sonho de celuloide; eles querem viver; eles anseiam por compreender a vida e encontrar-lhe as soluções.

Continua o sonho. Os produtores de cinema não dormem e sabem do seu ofício.

Cinema, novo ópio.

A dependência do cinema em relação ao comercialismo e ao lucro da grande indústria traz como consequência um condicionamento da sua qualidade de obra de arte. Os filmes, vulgar mercadoria para os produtores, não são mais mensagens seja do que for, criação artística, obras educativas ou documentos; os filmes são muito simplesmente mercadoria.

Por mais artista que seja um Jean Renoir, que poderá ele fazer? (Veja-se no n.º 260 de «O Diabo», «Como se faz um filme» por Henri Jeanson).

Que outra coisa poderia ser a época passada? Da América, além de A Cidadela, A Irmã de Minha Noiva, e mais um ou dois filmes, vieram dezenas de fitas tendo como única finalidade explorar o mau gosto do público... e ganhar dinheiro. Da França, vimos Ciúme e pouco mais, mas o melhor não chegou cá. Podemos pois dizer que não houve cinema.

E cinema português?

Mas alguma coisa tivemos em Portugal, como compensação: dois livros sobre cinema.

O que nos merece mais atenção é o de Roberto Nobre: Horizontes de Cinema, ensaios.

Este livro não é, contudo, apenas um agrupamento de ensaios, mais ou menos inéditos; contém também divulgação dos processos técnicos e história da evolução do cinema.

Nos ensaios, merecem especial relevo um estudo excelente sobre os desenhos animados e a sua humanidade e uma visão bastante objectiva do cinema português, onde Roberto Nobre precisa bem o condicionalismo no tocante à questão financeira. Nos restantes, nos quais R. N. pôs todo o cuidado, apesar do esforço evidente que manifesta em tratar a fundo o cinema como arte e seus horizontes, Roberto Nobre não conseguiu ser claro e apresentou deficientes conclusões, de esperar num indivíduo pertencente aos diletantes da arte pura 100%, à espera do genial, amante do individualismo e do subjectivismo. Inimigo da arte colectiva e neo-realista, inimigo do cinema americano porque com o seu desenvolvimento técnico e divisão de trabalhos caminha decididamente para o trabalho de equipas (na medida técnica, note-se), inimigo, dizia, do cinema americano «que dará boas obras mas nunca obras geniais», Roberto Nobre deu-nos um livro limitado. Ele viu o problema do cinema abstractamente, sem ter em conta as realidades presentes, as condições em que ele se realiza e as suas possibilidades futuras. Complicou quasi sempre os problemas e falou com certa leviandade de assuntos fora da sua acção, como por exemplo da Relatividade.

O outro livro, 7.ª Arte, de Mota da Costa, constitui obra útil, dentro das suas características de obra de divulgação, abstraíndo de certas chinecas e convencionalismos correntes.

MANUEL DE AZEVEDO

### NOVIDADES LITERÁRIAS

Obras de Dostoiewski

Crime e Castigo  
Os Irmãos Karamazoff  
Humilhados e Ofendidos  
Os Possessos (2 volumes)

Máximo Gorki

Uma Confissão

Colecção Misteriosa

N.º 1—Os Quatro Homens Justos  
por Edgar Wallace

Cada volume broch. 10\$00 encad. 15\$00

Colecção Verde

N.º 1—Uma Confissão—por M. Gorki  
2—(1.º vol.)—Humilhados e Ofendidos—por Dostoiewski.  
3—(2.º vol.)—Idem.

Cada volume brochado 3\$00

Editora Livraria Progredior

158, RUA PASSOS MANUEL, 162

PORTO